

## **Capítulo 1**

No século XVI, a Península Ibérica se mostrava importantíssima para o capitalismo comercial.

O Brasil funcionava como um pólo exportador de riquezas para todo o continente europeu, por intermédio de sua metrópole (Portugal).

O capitalismo foi construído por três vias distintas:

.Clássica: Os países líderes do capitalismo construíram seu desenvolvimento pela via clássica, forma sustentada de realizar a industrialização, beneficiando-se dos ganhos da era colonial.

.Prussiana: Seguida pelos países de industrialização retardatária, marcados pela ausência de processos democráticos de emancipação, conquistaram, no entanto, sua autonomia econômica. Representou uma passagem do feudalismo para o capitalismo.

.Colonial: Somavam o atraso democrático e o econômico. Não fez a passagem do feudalismo para o capitalismo, pois a colônia foi criada sendo dominada pelo capital.

Entre as colônias existiam as de povoamento e as de exploração:

.Colônias de povoamento: Dizem respeito ao estabelecimento definitivo de europeus no Novo Mundo. Devido as lutas político-religiosas e transformações econômicas consideráveis, particularmente os cercamentos ocorridos nas terras pertencentes aos camponeses, muitos europeus vieram habitar o Novo Mundo.

.Colônias de exploração: Centravam-se na produção de gêneros que interessassem ao mercado internacional. Inicialmente, ocorreu em suas terras o extrativismo, que foi substituído mais tarde pela agricultura. Para esta exploração em grande escala, era necessária mão-de-obra abundante, dando-se assim a escravidão africana.

Como está se falando das colônias vale à pena ressaltar, os colonos, que eram ocupantes que buscavam o enriquecimento, que seria usufruído na Metrópole, eles atuavam mais comumente como empreendedores.

☞ Karl Marx: Sistematizou as leis gerais da produção.

Capital variável: Surge do excedente que é reinvestido na produção.

Capital constante: Acumulação capitalista decorrente da exploração dos trabalhadores, associada à utilização de máquinas, edifícios e insumos.

Capital comercial: Advindo das trocas.

### **ASCENÇÃO DA BURGUESIA E O PACTO COLONIAL**

Diante da notícia da existência de riquezas metálicas (ouro e prata) no Novo Mundo, onde os espanhóis já colhiam os frutos auríferos da conquista, as colônias portuguesas passaram a tentar garantir a posse do território colonial português. Esta ocupação tinha de se realizar, concorrendo com os recursos escassos destinados antes, prioritariamente, ao Oriente.

Foram de grande importância, na transição do feudalismo para o capitalismo, o comércio e o papel das navegações e dos descobrimentos, na aceleração da dinâmica mercantil.

A realização dos grandes empreendimentos capitalistas e o desenvolvimento do sistema econômico nascente contou ainda com a influência dos árabes, que introduziram novos hábitos, técnicas e conhecimentos gerais no território europeu; o crescimento da

produtividade agrícola e avanços tecnológicos nas manufaturas, criando excedentes de alimentos e produtos manufaturados; as feiras locais, núcleos das primeiras cidades modernas; e as Cruzadas. Todas estas condições estimulavam o comércio de longa distância, onde surgiram as Companhias de Comércio, organizado em monopólio e ligado ao aparelho de estado que era moldado pela transição, pois comportava grupos de interesses antagônicos: clero, nobreza e a burguesia nascente.

A burguesia viu seus anseios de classe social, constituída nos marcos do capitalismo, serem traduzidos pela economia política do mercantilismo, por meio de uma legislação que trazia a sua marca: o estado absolutista. Entre as ações de sua plataforma, destacam-se o bulionismo ou metalismo, balança comercial e balanço de pagamentos favoráveis, pacto colonial, que somados à criação de tarifas, selos e atos reguladores, realizavam o projeto da força econômica emergente.

Após o período em que prevaleceu a busca por metais preciosos, cresceu o desejo pelas garantias de sempre se obter saldo favorável na balança comercial.

### **A MARCA DA COLONIZAÇÃO DE EXPLORAÇÃO**

As soluções encontradas pelos colonizadores para obter o lucro almejado e aproveitar as potencialidades da colônia, foram a princípio, o extrativismo e, mais tarde, a plantation de cana-de-açúcar, seguidos da mineração, do renascimento agrícola e da cafeicultura.

A maneira encontrada pelos colonizadores para ocupar a colônia foi a exploração agrícola, superando a mera atividade extrativa realizada nos moldes do Oriente. Com a produção de açúcar em larga escala, pois os portugueses já praticavam a plantation açucareira nas ilhas do Atlântico, as mercadorias portuguesas conseguiram competir com as italianas difundindo o hábito de consumo de açúcar. O financiamento do comércio e a refinação, e ainda importação de mão-de-obra africana contou com o capital holandês.

A união da técnica de produção, mão-de-obra, investimentos, mercado consumidor, associada à necessidade de ocupação definitiva, tornou o empreendimento um sucesso.

### **A QUESTÃO DA MÃO-DE-OBRA**

A acumulação capitalista está centrada no binômio propriedade privada e trabalho. A natureza é a fonte potencial de todos os valores de uso, e o trabalho é a matriz da sociedade. A economia política clássica, desde a sua edificação, preocupou-se em teorizar como esta dinâmica, combinada de forma eficiente, poderia gerar lucros.

A forma gremial foi o início da futura fábrica. O mestre artesão era o proprietário da oficina, das ferramentas e das matérias-primas e trabalhava junto com seus jornaleiros. Estes em troca de aprendizado, moradia e alimentação, ajudavam a fabricar as mercadorias cujo destino era o mercado.

As indústrias têxteis desenvolveram-se a partir desse sistema, criando um controle autônomo da produção. Com o crescimento da economia e o desenvolvimento urbano, deu-se a separação crescente do trabalhador de seus meios de produção, restando-lhe a venda de seu potencial de trabalho como única fonte de subsistência.

Porém, o trabalho assalariado, que é a forma clássica do sistema capitalista, não foi a única forma de trabalho presente na história do capitalismo. A escravidão moderna participou

ativamente do crescimento das riquezas geradas no período mercantil, seja como forma acumulativa no tráfico negreiro, seja como importante fonte de lucros nas plantations.

No caso brasileiro, inicialmente a mão de obra era indígena, e foi utilizada na extração do pau-brasil, e depois na lavoura de cana-de-açúcar. Com exceção dos jesuítas, boa parte dos demais colonizadores resolveu definitivamente suas necessidades de fator de trabalho com o uso dos escravos africanos.

No início, registrou-se escassez no fornecimento da mão-de-obra escrava. Somente a partir de fins do século XVII, os traficantes atenderiam com maior regularidade à demanda brasileira.

## **Capítulo 2**

A implantação da agricultura e da atividade extrativa no período do Brasil Colônia foi imensamente difícil. Para atrair o colono era necessário oferecer-lhe grandes propriedades de terra, como recompensa pelo grande sacrifício. Convencidos da necessidade de ocupação das terras brasileiras, os portugueses dividiram a terra em lotes, e deram início à produção agrícola na forma plantations.

Na história econômica brasileira, o conceito de ciclos econômicos é utilizado para identificar os movimentos de crescimento declíneo das atividades extrativas.

### **A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA**

O processo de mudança da mão-de-obra nativa para a negra ocorreu na era colonial. Esse processo foi mais rápido na região Nordeste. No resto do país, a implantação do sistema foi mais lenta. Depois de resolvido o fator trabalho, a monocultura pôde iniciar-se.

O engenho, cuja função era produzir açúcar, era o centro das fazendas.

Desde a sua implantação, no século XVI, até quase o final do século XVII, a produção açucareira foi o eixo econômico da economia colonial, que só veio a perder o lugar de nobre exportação quando entraram no cenário americano as produções concorrentes, realizada na América Central e nas Antilhas.

Ainda durante o ciclo açucareiro, Lisboa enfrentaria dificuldades advindas das invasões holandesas na região Nordeste. E a manutenção dos interesses portugueses na região Nordeste tornou-se mais difícil.

### **O CICLO DO OURO**

O ouro brasileiro levou ao término da primeira fase do açúcar. Quando surgiu atraiu atenções locais e internacionais, as classes dominantes e um contingente populacional com a intenção de enriquecer, todos para Minas Gerais.

Surgiram várias expedições desde o início do ciclo do ouro, onde muitos membros pagaram com a própria vida a ousadia de se embrenhar mata à dentro. Dentre as expedições, destacaram-se as Bandeiras Paulistas que almejavam a captura dos índios e encontraram o ouro mineiro.

A repercussão desta descoberta ocasionou um movimento migratório inédito no Brasil, fazendo surgir uma camada média na escala social.

A mineração baseava-se na exploração das jazidas. A produção maior, no entanto, era obtida nas grandes lavras, onde a maioria dos trabalhadores eram escravos. Não se registra a presença de índios.

Diferentemente, na economia mineira alguns escravos gozavam de uma posição diferenciada, pois, poderiam se estabelecer por conta própria trabalhando por cotas e acumulando suficiente para comprar sua liberdade.

Essas diferenças sociais atingiam os homens livres também. Agora, as possibilidades eram outras e vários empreendedores menores podiam ter sucesso na nova modalidade.

A corte controlava a atividade por meio de atos, regimentos, regulamentos e vigilância local, pelo superintendente da Intendência de Minas, determinando a Quinta parte – O Quinto – como imposto sobre o ouro extraído. Por ser alto, os mineradores não pouparam criatividade para burlar o fisco. Com isso, a Coroa criou as Casas de Fundição, onde todo o ouro deveria ser fundido. Era proibida a circulação de metal não fundido, com conseqüências severas para os infratores.

Uma forma mais drástica foi a decretação da quota mínima através do **Derrame**, quantia que deveria ser entregue a fiscalização. Tamanho abuso de Lisboa criou uma revolta culminando com a Inconfidência Mineira.

O Século XVIII encerrou-se conhecendo a decadência da mineração brasileira, que teve contribuição devido ao baixo nível tecnológico empregado pelo explorador, sem pesquisa ou conhecimentos.

Outro metal explorado à época foi o diamante. O Brasil tomou o lugar antes ocupado pela Índia e depois o perdeu para África do Sul.

Em comparação com o ouro a produção brasileira de diamantes foi pequena. Mas teve a mesma exploração predatória.

A mineração, apesar de efêmera ocupou um destaque na história da colônia, neste período foi o foco das atenções do país. Houve uma corrida ao ouro de outras regiões do país ao Centro-Oeste, povoando-o e mudando o eixo econômico que antes estava localizado junto à produção açucareira. Desenvolveram-se também à agricultura e a pecuária, como atividades acessórias para manutenção da mineração. Houve também, em 1763, a transferência da Capital da Bahia para o Rio de Janeiro, facilitando as comunicações entre Minas e a Metrópole.

## O RENASCIMENTO AGRÍCOLA

No século XVIII a agricultura se tornaria novamente a maior fonte de recursos da colônia. Com as vantagens trazidas pela Revolução Industrial e pelos progressos obtidos no contexto mundial, novas oportunidades surgiram no mercado internacional e o Brasil pôde aproveitá-las, oferecendo suas mercadorias tropicais e investindo em um novo produto: o algodão.

Esse tecido tornou-se a principal matéria-prima da época. Como o Oriente não conseguia dar conta da demanda, a América, com suas reservas de terras virgens, seria chamada a fornecer a matéria-prima, e o Brasil passaria a ocupar um lugar de destaque. Com o surto industrial, o algodão passou a ser produzido em todo o país.

O açúcar acompanharia o algodão no renascimento agrícola da colônia. Outra produção que também floresceu neste ciclo foi o arroz, embora de maneira secundária. Ainda no século XVIII, o cacau apareceu no cenário baiano e na região paraense.

O café foi outro produto que chegou ao Brasil na primeira metade deste século. Adaptando-se perfeitamente ao nosso solo e sendo plantado e consumido como bebida no país, causou uma grande expansão na economia brasileira, mas sua ascensão e auge ocorreram já fora dos marcos da época colonial.

O renascimento agrícola colonial foi marcado por ter superado a era da mineração. Esse novo surto não teve vida longa no Nordeste, pois já na segunda metade do século XIX o Centro-Sul tomara a liderança.

## **ENTRAVES À CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO**

A economia brasileira entrou e saiu dos ciclos econômicos da era colonial com a marca de uma economia subordinada aos centros hegemônicos do capital. Em particular, a economia mineira foi mais propícia à formação de um mercado interno do que a economia central do açúcar.

Pelos entraves à consolidação do capitalismo, o ouro brasileiro foi o maior responsável por todos eles; pois entorpeceu a metrópole desestimulando avanços da dinâmica fabril. Este que foi usado para vencer a decadência do fim do período açucareiro, sendo consumido nas trocas com produtos ingleses (tratado de Methuen) favorecendo os produtores de vinho portugueses.

A acumulação capitalista advinda da produção de tantas riquezas no Brasil migrou para a Europa, pólo hegemônico do capitalismo mundial, ou seja, produziu-se para a Metrópole e não se reteve na Colônia o resultado de tantos esforços.

A inserção da economia brasileira na divisão internacional do trabalho é definida desde a colonização da América, a partir da empreitada comercial. No século XIX, mesmo conquistando sua independência política, o Brasil não rompeu os laços de subordinação estrutural aos pólos hegemônicos do capitalismo internacional.

Desde o início da história colonial, o país se encontrava diante da problemática da emancipação que perdura até os dias atuais. E isso nos coloca num debate que acomete três grandes correntes de pensamento.

A primeira indica a solução dos problemas econômicos incorporado no mercado internacional de forma passiva, aceitando pacificamente as regras do jogo ditadas pelo capital internacional por meio de seus países líderes; tendo a aceitação da livre concorrência.

A segunda corrente defende a possibilidade de o país ainda ser um centro autônomo dentro do capitalismo.

E a terceira defende a superação da dependência econômica brasileira pelo rompimento com o modo de produção capitalista. Rompendo com a subordinação e com o subdesenvolvimento, ou seja, romper com o capitalismo.